

SONHOS DEMOLIDOS

A chamada destruição criativa do capitalismo que “ergue e constrói coisas belas”, como canta Caetano Veloso tem assumido velocidade impressionante nos últimos anos, ao menos nas grandes cidades brasileiras. Franca é um exemplo dessa realidade, mas tenho me assustado com o que vejo na capital paulista e ao longo da rodovia Anhanguera, caminho obrigatório entre Franca e São Paulo.

Rota de tropeiros, de ferrovias, de rodovias, ao seu redor surgiram dezenas de cidades hoje pujantes, onde sonhos de empreendedores se materializam e se desmancham no ar por mais sólidos que pareçam. Uma das construções do tipo em Pirassununga, um aviário de avestruzes, me chamou a atenção ao vê-la abandonada, era diferente em sua arquitetura. Nos anos 1990, a criação de avestruzes trazia a promessa de lucros rápidos e fáceis. Isso não se confirmou, acabou com os custos elevados e dificuldades no mercado consumidor.

Em Limeira, o posto Figueira Branca era um exemplo de bons serviços. As grandes redes de postos de gasolina e restaurantes ao estilo Graal, atreladas à parada das grandes companhias de ônibus acabaram por destruir postos isolados, o Figueira fechou há tempos, ao mesmo tempo que velhos postos de combustíveis dos tempos em que meu pai viajava a Campinas para reuniões de trabalho estão sendo todos demolidos, seja em Cravinhos ou próximos a Campinas. Há muitas instalações industriais antigas ao longo da rodovia abandonadas ou em processo de demolição, substituídas por galpões de aluguel de investidores, agora denominados de “galpões logísticos”, substituto dos bons e velhos armazéns do passado.

Triste de ver é o abandono das instalações dos escritórios e da gráfica da editora Abril às margens da avenida marginal do Rio Tietê, próximas à saída pra Rodovia Bandeirantes, prédio bem construído e agora totalmente vandalizado após sua desativação durante o processo de recuperação judicial da empresa. Um marco para os viajantes, os ônibus Franca-SP obrigatoriamente passam por ele, era vistoso com suas luzes acesas dia e noite trabalhando na impressão de revistas e fascículos.

Acompanhei, nos anos 1970 e 80 a derrubada de inúmeros casarões e palacetes da Avenida Paulista na capital, inclusive da família Mattarazzo, que hoje abriga um shopping. Poucos restaram, como a Casa das Rosas e um abandonado casarão em estilo mourisco, que prometem recuperar logo. Agora, fiquei impressionado com a rápida demolição de inúmeras vilas, sobrados, prédios comerciais de dois ou três pavimentos e até mesmo prédios com vários pavimentos de boa arquitetura para erguerem novos edifícios altíssimos de “estúdios” com 25, 30 m2 de área construída ao longo de grandes faixas próximas às linhas do metrô.

Levei um susto ao descer a pé a Rua Augusta, o comércio tradicional e suas vitrines de rua dos tempos da minha juventude imortalizada na canção de Ronnie Cord (Entre na rua Augusta a 120 por hora), simplesmente desapareceram. As demolições e obras se sucedem uma atrás da outra, restaram poucos e decadentes prédios, certamente logo darão lugar a outros edifícios altos, modificando de forma completa a paisagem urbana. Conteí onze grandes empreendimentos imobiliários em apenas 4 quadras. Ficarão como lembrança os belos desenhos da equipe de Jorge Wilhelm que chegou a pensar na transformação da Rua Augusta em lugar para pedestres, pois o lugar já está tomado pelo comércio pasteurizado dos Oxxos da vida e redes de farmácias e lojas. A cidade vai se pasteurizando. Será o destino das cidades brasileiras, ficarem todas iguais?

Mauro Ferreira é arquiteto